

INCIDÊNCIA DE PRECONCEITOS EM MULHERES PRATICANTES DE ARTES MARCIAIS.

Universidade Metropolitana de Santos – FEFIS

Amélia Bocardi Naves; Maria Suelen Altheman.

Orientador - Cláudio Scorcione

Co – Orientador – Roberto Melchior

Resumo: O estudo investigou possíveis processos de discriminação sofridos por mulheres atletas que praticam esportes, majoritariamente praticados por homens, o mesmo, utilizou-se de textos para mostrar a trajetória da participação feminina em uma concepção histórica. O objetivo foi investigar a incidência de preconceitos contra mulheres praticantes de artes marciais. O estudo abordou o gênero feminino em questões impostas pela sociedade no que diz respeito ao preconceito, concluindo que apesar da evolução, as mulheres ainda tem um longo caminho a percorrer até que possam ser tratadas com respeito e dignidade em suas opções.

Foram aplicados um questionário fechado com 9 questões para o sexo feminino e 4 para o masculino.

Palavra chave: Mulheres; sociedade; esporte; discriminação; preconceito; lutas.

Abstrat: The study investigated possible discrimination processes suffered by women athletes practicing sports, mostly practiced by men. The study also used texts to show the trajectory of female participation in a historical conception. The objective was to investigate the incidence of prejudices against women practicing martial arts. The study addressed the female gender on issues imposed by society regarding prejudice, concluding that despite the evolution, women still have a long way to go until they can be treated with respect and dignity in their options. A closed questionnaire was applied with 9 questions for females and 4 for males.

Key word: Women; society; sport; discrimination; preconception; Fights

Introdução

Nos últimos séculos o aumento da participação das mulheres em territórios legitimamente considerados masculinos, tem revelado uma nova dinâmica social

caracterizada especialmente pela redução das diferenças entre gêneros (RAGO,2007,BATISTA;DEVIDE,2009 apud). A mulher vem conquistando seu espaço, do trabalho doméstico ao trabalho assalariado, no espaço privado de casa ao espaço público da convivência social, conquistando e consolidando resistências e que não cessaram reivindicar por condições de igualdade em relação ao homem. (Martim, 2006).

As mulheres mantêm em sua carga histórica a imagem de um ser frágil, por ter a capacidade de gerar a vida. São estipulados os afazeres domésticos, como cuidar de casa, filhos e marido (PAIM e STRY 2006). Conforme Mourão (2002), as mulheres que praticam esportes classificados para homens são rotuladas de masculinas e para praticarem esse esporte sofrem com o preconceito tanto de homens quanto de mulheres. O aumento da participação das mulheres em esportes de confronto e agressividade é hoje um fenômeno que tem sido aceito, embora em algumas práticas ainda carreguem um conceito de transgressão.

A participação feminina em competições de alto rendimento aumentou consideravelmente ao longo dos anos, hoje não se questiona como antes, a capacidade das mulheres, entretanto, a conquista do espaço feminino no esporte pode ser considerada de alcance apenas parcial. No que se refere ao comando esportivo, os homens ainda prevalecem.

Nas áreas administrativas do esporte, incluindo os cargos de direção e de tomadas de decisão, ainda constituindo espaço de domínio masculino, isso porque a associação entre autoridade e masculinidade ainda tem grande força na percepção das pessoas. (Norman, 2010).

Percebe-se, com isto, que o número de academias também tem aumentado em nosso país.(Da Costa et al.) afirmam que as academias de ginástica surgiram na década de 30 e, por volta de 1970, ganharam uma dimensão e desempenharam um grande papel social com o crescimento do movimento fitness, em todo o mundo. No final dos anos 70 e início dos 80, houve uma grande explosão do número de academias de ginástica por todo o país. Essa rápida expansão fez com que outras atividades alternativas surgissem, além da ginástica, musculação, dança e lutas.

Inúmeras modalidades tem demonstrado sua eficiência para a melhora da estética corporal, um território considerado masculino no qual as mulheres vêm buscando espaço são as aulas de artes marciais. Os principais motivos para essa busca é a qualidade de vida, estética corporal, e o ganho de condicionamento físico (Ferretti, Marco Antonio de

Carvalho). Diversas modalidades de lutas são oferecidas como: Jiu Jitsu, Muay Thai, Judô, Boxe, entre outras, entretanto, as praticantes dessas modalidades podem sofrer preconceito, por conta destas modalidades terem sido criadas e utilizadas essencialmente por homens.

As mulheres no esporte buscam, no mínimo o respeito e reconhecimento de seus desempenhos e conquistas enquanto atletas e também a possibilidade de exercerem cargos de poder em instituições esportivas que, atualmente, são distribuídas somente aos homens (Silvana V. GOELLNER, 2004).

A tendência é esperar da mulher que ela expresse sempre as características atribuídas e padronizadas pela sociedade como: passividade, compreensão, delicadeza, timidez, contenção, controle emocional, submissão, características alimentadas e retroalimentadas em anos e anos de construção e reconstrução de sociedades tipicamente machistas, adotando modelos de representação, no qual a mulher sempre foi tida e havida como um elemento meramente decorativo, sem opinião própria, vontades, desejos e aspirações.

Com o crescimento das modalidades de lutas e praticantes do gênero feminino nas academias, torna-se relevante, estudos que investiguem se nos dias atuais, as mulheres sofrem algum tipo de preconceito, por parte de outras mulheres, homens, técnicos, amigos e familiares. Em outras palavras, preconceito e estereótipos são normalmente atribuídos às mulheres que praticam modalidades consideradas tradicionalmente masculinas Mourão (2002),

OBJETIVO

O objetivo do estudo é investigar INCIDÊNCIA DE PRECONCEITOS contra MULHERES PRATICANTES DE ARTES MARCIAIS.

METODOLOGIA

Participaram do estudo, 95 mulheres e 46 homens, as mulheres foram submetidas a um questionário com 9 perguntas, sobre preconceito nas artes marciais, se já sofreram ou sofrem algum tipo de preconceito. No que diz respeito ao preconceito, foi questionado em que local o mesmo ocorreu, quem foi preconceituoso, qual o tipo de preconceito praticado e com foi a reação da pesquisada. Foram investigadas, 32 mulheres praticantes de Judô, 36 de Muay Thai e 27 de Jiu Jitsu.

Análise estatística: foram adotados os valores de frequência de respostas em forma de percentual para caracterizar as incidências de ocorrência de preconceito nas mulheres investigadas.

Resultados

Tabela 1. Resultados em forma de percentual das incidências de ocorrências de preconceito contra as mulheres praticantes de artes marciais.

	Sim %	Não %	
Você já sofreu algum tipo de preconceito?	32	68	
Você já foi questionada em relação a sua sexualidade?	36	64	
Qual tipo de preconceito?	Agressão verbal	Agressão física	Outros
	45	35	10
Como sua sexualidade foi questionada?	Esporte masculino	Sexo frágil	Outros
	72	14	14

Discussão:

Foi possível observar que grande parte da amostra estudada relatou algum tipo de preconceito e que as mesmas, por inúmeras e reiteradas vezes já foram questionadas em relação a sua sexualidade apenas por praticarem artes marciais. A forma de preconceito que mais ocorreu foi a agressão verbal praticada por homens que continuamente alardeavam frases tais como: “ Este esporte é para homens”; “ Isto não é coisa de mulher”; “ Mulher que luta perde a feminilidade”; “ Mulher que luta é agressiva”.

Uma grande parte das mulheres declarou que sofreram agressão física por praticar artes marciais, tais agressões físicas ocorreram na maioria das vezes entre os colegas que treinam no mesmo ambiente. Esses dados são preocupantes e estão associados à resquícios do passado onde a mulher era considerada o sexo frágil (GOELLNER, 2003, MOURÃO; MOREL, 2005; RIGO et al., 2008).

Este herança de um passado de discriminação encontra eco inclusive na esfera jurídica, pois em razão desta discriminação de gênero, no Brasil foram criadas leis que impediam as mulheres de participar de alguns eventos esportivos (O Decreto-lei 3199/41, que entrou em vigor no dia 14 de abril de 1941) e revogada somente em 1979 (Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998).

Atualmente, as mulheres estão cada vez mais obtendo sucesso nos territórios antes ocupados por homens, entretanto, ainda ocorrem desigualdades quando comparadas com os homens, em relação a salários e avanços acadêmicos (MELO, LASTRES e MARQUES, 2004). **Para as modalidades esportivas ainda que ocorra esse tipo de diferenciação o futebol feminino é uma das modalidades de maior crescimento nos últimos anos .(.** MOURÃO; MOREL, 2005)

As mulheres também ganharam seu espaço nas modalidades de artes marciais como judô, jiu-jitsu, muay thai, taekwondo, caratê e boxe (Fernandes et al; 2015). Recentemente nos jogos Olímpicos de Londres foi inserida a modalidade boxe feminino com uma boa receptividade, também ocorreu a inclusão das mulheres no maior evento de artes marciais mistas do Mundo (Fernandes et al; 2015).

Ainda assim, as mulheres estão sempre relacionadas com o estereotipo de fraca e de padrões estéticos de feminilidade (Lippa, 2010; Romariz, Devide, & Votre, 2007). Diversos autores desenvolvem estudos nos quais atestam falta de reconhecimento para as mulheres praticantes de esportes em geral (Goellner, 2005).

Conclusão

Foi possível observar que grande parte das mulheres investigadas sofreu algum tipo de preconceito por serem praticantes de artes marciais. Normalmente, o preconceito ou a representação deste, partiu de homens com frases tipicamente machistas, questionando a feminilidade e buscando inserir a mulher ao espaço restrito de suas representações, limitadas por uma visão que a grosso modo não admite, ou simplesmente não considera a possibilidade de que homens e mulheres possuem os mesmos direitos e têm liberdade de escolha e que esta liberdade deve ser respeitada.

Ainda que a participação da mulher no mercado de trabalho tenha aumentado de forma significativa e que a idéia de uma mulher apenas atrelada aos afazeres domésticos, seja cada

vez mais, uma visão ultrapassada que não dialoga com a mulher do século XXI, o depoimento de muitas entrevistadas, atesta que o processo de discriminação existe também entre as mulheres, pois, foram encontrados depoimentos, nos quais mulheres reproduzem o discurso machista de muitos homens entrevistados.

Isto dialoga com o fato de que muitas vezes, o ser humano apenas reproduz idéias e conceitos pré estabelecidos, sem que necessariamente tenha efetivamente uma posição definida sobre determinados assuntos. Fundamentado nesse conceito, é bem possível considerar que o discurso machista de alguns dos homens entrevistados, seja apenas a representação da reprodução de discursos e comportamentos que estes mesmos homens vêm ouvindo ao longo dos anos.

O processo de discriminação e preconceito contra a mulher, não diz respeito às lutas ou a mulher, mas, representa de forma emblemática, a pobreza de espírito e as limitações daqueles que não compreendem ou não querem compreender que a mulher tem o direito e livre arbítrio de fazer as suas escolhas sem importar-se com padrões de comportamentos pré estabelecidos.

A luta continua. . .

Referencias

ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006.

FERRAZ, Simone. A inserção da mulher na arte marcial: o caso do kung fu.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. In: **A dominação masculina**. Bertrand Brasil, 2010.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Zahar, 1994.

ORTEGA, E. M. Artes Marciais: Kung Fu–Rotinas e Combates: O Papel da Preparação Física. Campinas. UNICAMP-Faculdade de Educação Física. **Monografia de Graduação**, n. 817, 1997.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitã. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

ALMEIDA, Sebastião Carlos Ferreira de et al. Mixed Martial Arts (MMA) no Brasil: masculinidades em disputa. 2016.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitã. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

DE CARVALHO FERRETTI, Marco Antônio; KNIJNIK, Jorge Dorfman. PRECONCEITO DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO TÊNIS: TUDO ISSO PORQUE ELA TEM O CORPO PARA SER ATLETA E NÃO UMA MODELO FOTOGRÁFICA.

PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. Marcas da violência de gênero contra a mulher no contexto esportivo. **Revista digital Efdeportes, Buenos Aires, ano**, v. 11, 2006.

DE CARVALHO FERRETTI, Marco Antonio; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias¹. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 13, n. 1, p. 57-80, 2007.

FERREIRA, Heidi Jancer et al. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

DES PARGA, Erica Jordane et al. Estereótipos e preconceitos de gênero entre estudantes de enfermagem da UFBA. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 14, n. 1, 2001.

CAMARGO, Julieta Furtado; WERLE, Verônica; DO CARMO SARAIVA, Maria. HISTÓRIA DAS MULHERES NOS ESPORTES E NA EDUCAÇÃO FÍSICA: MAPEANDO PRODUÇÕES CIENTÍFICAS—DE 2000 A 2008.

TEIXEIRA, Adla Betsaida Martins; DE ALMEIDA FREITAS, Marcel. Mulheres na docência do ensino superior em cursos de física/Women in Brazilian higher education in physics courses. **Ensino em Re-Vista**, 2014.

GONZÁLEZ-PALOMARES, Alba; ALTMANN, Helena; REY-CAO, Ana. Estereótipos de gênero nas imagens dos livros didáticos de educação física do Brasil. **Movimento**, v. 21, n. 1, p. 219-232, 2015.

SCHWARTZ, Gisele Maria et al. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. **Motricidade**, v. 9, n. 1, p. 57-68, 2013.

Questionário utilizado na pesquisa. (Feminino)

Nome:

Idade:

Peso:

Altura:

1-Qual modalidade de luta você pratica

Muay thai () Jiu-Jitsu() Judô() Boxe() Outra()

2-Você está satisfeita com sua imagem corporal?

Sim() Não()

3-Porque escolheu essa modalidade?

Estética() Defesa pessoal() Aprecia artes marciais() Saúde()

4-Sua sexualidade é questionada pelo fato de lutar artes marciais?

Sim() Não()

5-Já sofreu ou sofre algum tipo de preconceito ou discriminação na modalidade?

Sim() Não()

6-Onde ocorreu?

Casa() Academia() Rua() Clube() Outros()

Família() Amigos() Companheiros de treino() Técnico()

*Gênero Masculino() *Gênero Feminino()

7-Em caso de discriminação qual sua reação?

Agressão verbal() Agressão física() Desiste da pratica() Chora() Não se incomoda() Outros()

8-Como te afeta?

Chateada() Triste() Não afeta() Fica agressiva() Fica com

9- Em termos de incentivo, como você é tratada em comparação aos homens que praticam a mesma modalidade ?

() Igual () Diferente

QUESTIONARIO UTILIZADO PARA PESQUISA. (MASCULINO).

Nome:

Idade:

Peso:

Altura:

1- Você pratica alguma arte marcial?

Sim() Não()

2-O que você acha das mulheres que praticam lutas?

Normal() Diminui a feminilidade() Atraente() Não é esporte de mulher()

3-O que você acha do físico das mulheres que praticam lutas?

Bonito() Masculinizada() Feio() Normal()

4-Você lutaria com uma mulher?

Sim() Não()